

# A CONSTITUIÇÃO DO HUMOR NO BLOGUE “COMO EU ME SINTO QUANDO”: A PARÓDIA POR MECANISMOS POLIFÔNICOS

THE CONSTITUTION OF HUMOR IN THE BLOG “ COMO EU ME SINTO QUANDO”: PARODY USING POLYPHONIC MECHANISMS

Pedro Augusto Pereira Brito<sup>1</sup>

BRITO, P. A. P. A constituição do humor no blogue “como eu me sinto quando”: a paródia por mecanismos polifônicos. **Akrópolis** Umuarama, v. 27, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2019.

DOI: 10.25110/akropolis.v27i1.7567

**RESUMO:** Neste trabalho, nosso objetivo é compreender como se constitui o humor pelo processo de paródia organizado a partir da oposição de perspectivas de enunciadores em textos do blogue *Como eu me sinto quando*. Para isso, apoiamos-nos nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (2003; 2010) e de Authier-Revuz (2004) para tratar da natureza heterogênea da linguagem. A fim de empreender a análise, pautamo-nos, ainda, na teoria da polifonia de locutores e enunciadores de Oswald Ducrot (1987) e nas considerações de Sant’Anna (2003) acerca da paródia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humor; Paródia; Mecanismos polifônicos.

**ABSTRACT:** The main purpose of this paper is to understand how humor is linguistically composed by the parody process organized by the opposition of enunciators’ perspectives found in texts from the Brazilian blog named *Como eu me sinto quando*. In order to reach this goal, assumptions from methodologies such as Bakhtin (2003; 2010) and Authier Revuz (2004) are used, which allow the comprehension of the heterogeneous nature of language. In order to develop the analysis, the authors also used the polyphony theory of speakers and enunciators by Oswald Ducrot (1987) and Sant’Anna (2003) related to parody.

**KEYWORDS:** Humor; Parody; Polyphonic Mechanisms.

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá; Universidade Estadual do Paraná.  
pedrobritoletas@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a internet constitui um grande meio de comunicação em massa, com possibilidade de fácil acesso do grande público, inclusive de maneira gratuita em algumas capitais brasileiras. Segundo Levy, vivemos no momento histórico da *cibercultura*, definida pelo autor como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p.17). O internauta pode ter acesso a uma grande variedade de atividades no mundo *online*, desde comunidades virtuais de discussões acadêmicas até os espaços de entretenimento. O mercado humorístico vale-se desta ferramenta para veicular seus textos em diversos gêneros. Textos em blogues, *memes*, textos veiculados em redes sociais, propagandas interativas, são exemplos dos que que circulam nas práticas sociais cibernéticas.

Dentre os vários blogues de entretenimento disponibilizados pela marca “Tumblr”, o blogue de humor *Como eu me sinto quando* foi criado em 2012 pelo publicitário brasileiro Marcelo Cidral e chegou a ficar entre os dois blogues mais visualizados no mundo, no ano seguinte à sua criação. Os textos, publicados diariamente, tematizam várias situações cotidianas de maneira humorística e ganharam rapidamente a aceitação do público internauta em busca de entretenimento.

O presente artigo, ancorado numa concepção que compreende os fenômenos linguísticos como heterogeneamente constituídos, tem por objetivo analisar o blogue de humor *Como eu me sinto quando* a fim de perceber como se constitui o humor pela paródia organizada pela oposição de enunciadores. Para tanto, valem-nos de teóricos como Bakhtin e Authier-Revuz para compreender a natureza heterogênea da língua e de Ducrot e Sant’Anna para tratar da polifonia de locutores e enunciadores e da paródia, respectivamente.

### A respeito da natureza heterogênea da língua: Dialogismo em Bakhtin

Preliminarmente, consideramos necessário situar o campo epistemológico do qual nos valem para chegar às conclusões que aqui apresentaremos em termos de linguagem em

seu funcionamento. Ancorados principalmente nos pressupostos teóricos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, olhamos para a linguagem como prática de interações verbais realizadas entre indivíduos que estão organizados socialmente.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (2010) levanta a reflexão sobre a natureza dialógica da língua, conceito que articula seu pensamento, e que possibilita reconhecer a língua como atravessada por fatores sociais e históricos. A partir da distinção de duas orientações pelas quais as reflexões filosófico-linguísticas circulavam, o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*, o autor tece suas considerações na direção de uma concepção de linguagem divergente dessas duas tendências.

Na primeira orientação mencionada, o subjetivismo idealista, o centro da ação criativa da linguagem seria o sujeito, nas palavras de Bakhtin (2010, p. 74):

A primeira tendência interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem.

No sentido oposto a essa orientação, encontramos o objetivismo abstrato que é definido pelo autor como

[...] o centro organizador de todos os o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se, ao contrário, no *sistema linguístico*, a saber o *sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua*. Enquanto que, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo (BAKHTIN, 2010, p. 79, grifos do autor).

É negando, portanto, essas duas correntes do pensamento filosófico-linguístico que

Bakhtin (2010) lança mão do conceito de enunciação, passando a considerar, nas condições de uma produção linguística verbal, os interlocutores e o caráter social da língua. Nem o objetivismo abstrato, herdado das reflexões de Ferdinand de Saussure, que encara a língua como um “sistema de formas que remetem a uma norma” (BAKHTIN, 2010, p. 112), tampouco o subjetivismo individualista, à sombra das ideias de Émile Benveniste, privilegiando a enunciação monológica no plano da expressão, poderiam dar conta do caráter social da língua.

Neste sentido, Bakhtin (2010, p. 116) apresenta seu conceito de enunciação, definido como “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, complementando que, na ausência de um interlocutor real, “este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN, 2010, p.116). Além desse caráter social da enunciação, o autor demonstra que o dialogismo é fator constitutivo da linguagem. Dialogismo não estaria, somente, para o fato de, numa interação verbal, um sujeito orientar-se para o outro, mas para o caráter responsivo da própria linguagem. Neste sentido, todo enunciado é, em si, resposta a outros enunciados precedentes e precede a outros, é embrenhado da alteridade, conforme Bakhtin (2003, p. 297), em sua *Estética da Criação Verbal*:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados [...] Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de outra esfera da comunicação discursiva.

Chega-se, desta maneira, pela natureza responsiva da linguagem, à conclusão do seu caráter heterogêneo constitutivo, já que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de

uma corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN, 2010, p.128). Nossa análise intenta, neste trabalho, além de levantar esta dimensão dialógica constitutiva da língua, demonstrar como a heterogeneidade pode se dar no plano mostrado, a partir dos desdobramentos teóricos de Authier-Revuz (2004), dos quais, posteriormente, também trataremos.

### Dos elementos teórico-analíticos

A fim de delimitarmos os elementos teórico-analíticos necessários ao posterior trabalho de análise, passaremos à exposição breve de algumas considerações de Authier-Revuz sobre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, bem como as de Ducrot sobre a constituição polifônica de locutores e enunciadores de um enunciado e, por fim, as considerações sobre o segundo modelo de paródia apresentado por Sant’Anna.

Situando-se no quadro dos estudos enunciativos, Authier-Revuz explica algumas noções apresentadas por Bakhtin e, também, as desenvolve. Reconhecendo que a língua é, em si, heterogênea, na esteira do pensamento do dialogismo bakhtiniano, a autora formula o conceito de *heterogeneidade constitutiva*.

À forma explícita da constituição heterogênea enunciativa, dá-se o nome de *heterogeneidade mostrada*, pela qual um locutor inscreve o *outro* no seu dizer, assim, “No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o *outro*”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12, grifos do original). Ainda nas palavras da autora, sobre a forma mostrada de heterogeneidade:

[...] o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso (sem ruptura própria à autonomia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra. Por esse meio, sua figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado – marcado por aspas, por itálico, por uma entonação e/ou por alguma forma de comentário – recebe, em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro*. (Ibidem, p. 13)

Desta maneira, o aparecimento do outro

marcado nas formas explícitas apresentadas por Authier-Revuz, não é garantia de concordância entre locutores citante e citado. O discurso apresentado anteriormente ganha os contornos da nova enunciação, é reinventado no movimento de incorporação, atendendo àquilo que a nova situação enunciativa se propõe.

Neste mesmo sentido, podemos pensar a proposta de Sant'Anna (2003) sobre a paródia. O movimento parodístico pressupõe o uso de um texto anterior que será objeto da paródia. Desse modo, para compreendermos a paródia, valemo-nos do conceito de *intertextualidade* de Kock (1997, p. 48), em seu *sentido restrito*, que demonstra a “relação de um texto com outros previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos”. Koch faz ainda uma diferenciação entre intertextualidade das semelhanças e das diferenças, situando a paródia nesta última: “Em se tratando de intertextualidade das diferenças, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão (paródia, ironia, estratégia argumentativa da concessão ou concordância parcial)” (KOCH, 1997, p. 49), proposição, à qual, Sant'Anna (2003, p. 28, grifos do original) parece concordar ao dizer:

Assim como um texto não pode existir fora das ambivalências paradigmáticas e sintagmáticas, paráfrase e paródia se tocam num efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de *intertextualidade das diferenças*. Falar de paráfrase é falar de *intertextualidade das semelhanças*.

Escolhemos, portanto, a fim de empreender nosso trabalho analítico, o segundo modelo de paródia apresentado por Sant'Anna, pelo qual se pode compreender os fenômenos de paráfrase, estilização e paródia a partir da noção de *desvio*. Nesse modelo, toma-se como parâmetro um texto original que sofre transformações em relação ao seu paradigma inicial, gerando desvios mínimos (paráfrase), toleráveis (estilização) ou totais (paródia). A paródia deformaria o sentido original do texto “subvertendo sua estrutura ou sentido” (SANT'ANNA, 2003, p. 41). Assim, diferenciando paráfrase e paródia como níveis de estilização, o autor apresenta a paródia como dada pelo *contra-estilo* do texto parodiado: “Quando a estilização se dá na mesma direção

ideológica do texto anterior, transforma-se numa paráfrase; se ela ocorre em sentido contrário, constitui-se numa paródia” (SANT'ANNA, 2003, p. 36).

Em termos de heterogeneidade mostrada, na paródia temos o uso de um texto, em uma nova enunciação, em sentido argumentativo contrário, ou desviado totalmente de seu sentido original. No entanto, compreendemos que não é, na constituição da paródia, somente um locutor que organiza um enunciado, que é o seu único responsável, única voz que a constitui, pelo simples desvio de conteúdo do paradigma inicial do texto parodiado. Para compreendermos, pois, como se pode dar o processo parodístico, precisamos recuperar alguns conceitos da teoria da polifonia de locutores e enunciadores de Ducrot (1987).

Adaptando o termo *polifonia*<sup>3</sup>, utilizado anteriormente por Bakhtin a fim de sua análise sobre a poética de Dostoiévski, Ducrot trata da multiplicidade de vozes em um mesmo enunciado. Para ele, a enunciação “contém, ou pode conter, a atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos que seriam sua origem” (DUCROT, 1987, p.182). O autor defende a tese que tais sujeitos podem ser de, pelo menos, dois tipos: locutores ou enunciadores. O primeiro seria o responsável pelo enunciado, ou seja, o locutor é “alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (DUCROT, 1987, p.182). Os enunciadores seriam

[...] seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p.192).

A isso equivale dizer que os enunciadores são os *perspectivadores* de uma enunciação. São os pontos-de-vista colocados pelo locutor na organização do enunciado que podem, ou não, serem assimilados à sua perspectiva. Cabe frisar que a noção de locutor, não equivale a noção de autor empírico. A fim desta distinção,

<sup>3</sup> O termo *polifonia* já fora adaptado do campo dos estudos da música, por Bakhtin, em seu texto sobre a Poética de Dostoiévski. Atentamos, também, para a compreensão de que o termo sofreu consideráveis alterações quando utilizado nos diferentes contextos que aqui apresentamos.

e de esclarecer as noções de locutores e enunciadores, Ducrot compara o locutor ao narrador, nas obras literárias e os enunciadores aos personagens:

Esta situação me parece próxima da procurarei descrever, no nível do enunciado, dizendo que o locutor apresenta uma enunciação de que se declara responsável – como exprimindo atitudes de que pode recusar a responsabilidade. O locutor fala no sentido em que o narrador relata, ou seja, ele é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia – como os pontos de vista manifestados na narrativa podem ser sujeitos de consciência estranhos ao narrador. (DUCROT, 1987, p. 196)

A partir, portanto, dos elementos teóricos apresentados, objetivamos empreender o trabalho analítico para compreender como se dá a constituição do humor no blogue em questão. Intentamos perceber, como se dá o processo da paródia que, nos textos selecionados, conduzem ao humor, a partir da organização polifônica de locutores e enunciadores dos textos. Antes, no entanto, de chegarmos às análises, precisamos compreender o *corpus* e contextualizá-lo.

### **O layout dos textos do blogue *Como eu me sinto quando*: contextualização do Corpus**

Antes de mais nada, como compreendemos os enunciados que serão analisados como *textos*, convém que delimitemos a noção de texto à qual nos filiamos, neste trabalho. Para isso, apoiamos-nos em Fávero e Koch (1988, p. 25), no que se segue:

texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. [...] o texto [em sentido estrito] consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão.

Entendemos, desta maneira, que o senti-

do *lato* de texto pode amparar nossa compreensão, já que os textos selecionados são de natureza verbo-visual, contendo elementos linguísticos verbais e imagéticos.

Os textos que aqui serão analisados, pertencentes ao blogue humorístico “*Como eu me sinto quando*” possuem, todos, o mesmo layout. São compostos, primeiramente, pelo título do blogue que é necessário para a leitura de todos os textos: “*Como eu me sinto quando*”. Em seguida, cada postagem possui um subtítulo, iniciado por reticências, que indicam que o texto deste subtítulo é continuação do título, completando-o o sentido, formando um único texto. E, por fim, uma imagem em formato GIF (animado) finaliza a composição textual.

O formato GIF (Graphics Interchange Format), um formato de imagem comumente utilizado na internet, pode trazer uma imagem estática, ou em movimento. As imagens no formato GIF utilizadas nos textos do blogue são todas em movimento, são os chamados GIFs animados. Este formato, em sua versão animada, permite que tenhamos uma sequência de imagens que, organizadas em um ficheiro, são emitidas na sequencialidade em que estão dispostas, trazendo a ilusão de movimento e podendo recuperar, assim, um trecho de alguma animação ou filme. Segundo Lopes (2013, p. 17):

Um ficheiro, ou canal de dados, no formato GIF pode conter mais do que uma imagem. Blocos de controlo inseridos entre imagens sucessivas determinam o tempo durante o qual cada imagem persistirá na unidade gráfica de saída, permitindo assim a apresentação sequenciada de várias imagens. Se as imagens constituírem uma sequência animada, estaremos perante o que se designa usualmente por GIFs animados (*animated GIFs*).

Assim, o autor do blogue compõe seus textos selecionando uma imagem em formato GIF animado, que pode ser o recorte de uma cena conhecida de filme, clipe ou animação ou, até mesmo, um recorte de alguma filmagem pouco conhecida, mas que, somada à ideia do título e completada com o proposto pelo subtítulo (título da postagem) formam o texto.

Para este trabalho, selecionamos aleatoriamente, três textos para a análise. A fim de conseguir demonstrar a sequencialidade das

imagens GIF para o trabalho, optamos em apresentar três *frames* (quadros estáticos) de cada imagem. Por isso, copiamos uma imagem inicial do GIF animado, uma da metade da animação, e uma do fim e as dispusemos sequenciadas da esquerda para a direita (*Frames 1, 2 e 3*). Em seguida, fazemos breve descrição para explicar a sequências dos frames, para que possamos esclarecer o movimento impossível de ser, aqui, reproduzido fielmente.

Procuramos reproduzir os textos exatamente como estavam dispostos no blogue. As reproduções que aqui fazemos são fiéis aos textos originais, contendo o título do blogue, subtítulo que encabeça o post, imagem GIF animada disposta em frames e data da postagem. Os textos podem ser acessados nos links que disponibilizaremos. A partir dessas informações sobre o *corpus*, podemos dar início às nossas análises.

### Análises

Algumas considerações iniciais se fazem necessárias, antes de debruçarmo-nos sobre cada texto para analisá-los. Primeiramente, acreditamos que a própria proposta do blogue apresenta, em si, o intento de constituir, de maneira mostrada, a heterogeneidade de seus textos. Ou seja, todos os textos do blogue são construídos de maneira heterogênea no sentido de que utilizam de enunciados diferentes, organizados por um locutor, em sua composição.

A imagem no formato GIF animada constitui, em todos os casos aqui analisados, o texto-fonte parodiado. É sobre a imagem em movimento que se desviam os sentidos originais pela organização, por parte de um locutor, de um enunciador que se opõe ao paradigma inicial do sentido do texto-fonte. Ainda sobre o GIF, este funciona nos textos como uma citação de um texto maior inicial, recuperando um trecho de uma sequência que pode ser qualquer filmagem (filmes, um programa de TV, vídeos de noticiários, videoclipes musicais, etc.). Além disso, um GIF animado repete-se ininterruptamente o que, acreditamos, colabora para a produção do humor no momento da leitura, já que o reinício constante da apresentação do trecho do GIF animado faz com que os olhos do leitor “releiam” a imagem sem poder pará-la, ao menos que ela seja fechada.

Outro fator relevante é o das recuperações dialógicas que o leitor precisa ou pode fazer para que leia os textos. Acreditamos, a

partir da concepção dialógica da linguagem que, todo texto, para ser lido, exigirá do leitor um processo de recuperação dialógica no qual trará à tona tudo o que vivenciou em termos de linguagem. No entanto, alertamos para o fato de que os textos-fonte que são parodiados nos textos analisados não precisam ser de conhecimento prévio do leitor. O conhecimento do texto-fonte trará, evidentemente, outros efeitos de sentido para as leituras, entretanto, não é imprescindível à compreensão das paródias, já que essas se estabelecem, em um primeiro nível, de maneira intratextual, na articulação dos elementos que constituem o texto, organizados pelo locutor.

Feitas essas considerações, reproduzimos abaixo, o primeiro texto a ser analisado, datado de 22 de Agosto de 2013.



**...tô tentando sobreviver a mais uma semana de trabalho.<sup>4</sup>**



A sequência de frames apresentada traz, no GIF animado, uma corredora mancando, com sinais visíveis de dor, em sua expressão facial. Podemos inferir, pelos elementos imagéticos, que se trata de um contexto de prova oficial no qual a corredora sofreu alguma lesão sem, no entanto, desistir da prova, persistindo na corrida até o fim. Este sentido, recuperado somente pela visualização do GIF animado é desviado totalmente de seu sentido original quando da combinação com os outros elementos textuais.

A partir da teoria de Ducrot, percebemos que o locutor, responsável por este enunciado (L1), apresenta, no GIF animado, um outro locutor (L2) que traz, em si, uma primeira perspectiva, um enunciador (E1). A perspectiva de E1 é a do texto original, por isso, assimila-se ao paradigma inicial de sentido de L2: o da corredora que, com dores e dificuldades, continua a

<sup>4</sup>Disponível em: <http://comoemesintoquando.tumblr.com/post/59024944997/to-tentando-sobreviver-a-mais-uma-semana-de>

prova, sinalizando persistência. A paródia se dá quando L1 introduz um outro enunciador, portanto, uma outra perspectiva, que ressignifica o sentido do texto original, formada pelo título do blogue acrescido do subtítulo que encabeça o texto: *Como eu me sinto quando... tô tentando sobreviver a mais uma semana de trabalho*. Desta maneira, a paródia do texto original se dá pela oposição entre as perspectivas de E1 e E2.

Passamos, a partir da combinação dos elementos textuais, a satirizar o conteúdo do GIF animado, construindo o sentido amplamente difundido do cansaço extremo enfrentado comumente nas vivências profissionais. O ponto de contato com o texto original está nos elementos de dor e persistência, mas são ressignificados a partir da introdução da perspectiva do segundo enunciador, atingindo o humor nessa nova enunciação.

Salientamos que a compreensão da paródia já é possível mesmo que se desconheça o texto original parodiado, no entanto, os efeitos de sentido poderão ser de natureza diferente dependendo das relações dialógicas estabelecidas para a composição da paródia, ficando a critério do conhecimento de mundo do leitor. Possuir o conhecimento prévio, portanto, traria sentidos diferenciados em relação a quem desconhece o recorte que o GIF animado apresenta. Neste caso, o GIF refere-se à corredora turca Merve Aydin que, em contexto de eliminatória para os jogos olímpicos, sofreu uma lesão no pé direito que quase a impossibilitou de concluir a prova, mas que ao persistir e concluí-la foi ovacionada pelo público que a assistia, pela demonstração de persistência, mesmo tendo sido desclassificada das olimpíadas.<sup>5</sup>

O mesmo movimento da paródia se dá no texto 2, datado de 21 de Junho de 2013, reproduzido na sequência:



*...transmito o “vírus gay” para os outros.*<sup>6</sup>

<sup>5</sup>Fonte: [http://www.espn.com.br/noticia/274070\\_prova-dos-800m-tem-corredora-turca-no-sacrificio-saudita-historica-e-hermafrodita-classificada](http://www.espn.com.br/noticia/274070_prova-dos-800m-tem-corredora-turca-no-sacrificio-saudita-historica-e-hermafrodita-classificada)

<sup>6</sup>Disponível em: <http://comoeumesintoquando.tumblr.com/post/53520504859/transmito-o-virus-gay-para-os-outros>



Neste segundo texto, o texto original que é parodiado, apresentado pelo conteúdo imagético do GIF animado, apresenta uma mulher que, aproxima-se de outra e joga-lhe purpurina (Frames 4 e 5). Por fim, a mulher gira e parece retornar em direção a uma banca que aplaude a ação ocorrida enquanto, aparentemente, a mulher que recebera a chuva de purpurinas encontra-se surpresa, espantada (Frame 6).

Para compreendermos as perspectivas organizadas pelo locutor responsável por este texto, precisamos recuperar os sentidos de alguns elementos. Primeiramente, chamamos a atenção ao texto que pertence ao subtítulo que encabeça a postagem: *... transmito o “vírus gay” para os outros*. A expressão “vírus gay”, à maneira como está apresentada, introduzida por aspas, já indica a introdução de uma ironia. Apoiamo-nos em Benites, no que se refere à citação de ironia, para explicar o movimento realizado nesta citação:

A ironia, confluyente com o processo de citação de fala caracteriza-se como um fenômeno complexo, no qual se revela simultaneamente uma polifonia de locutores e de enunciadores (cf. Ducrot, 1984): de locutores, pelo cruzamento de falas que acompanha todo processo de dupla enunciação, típica, por exemplo, das formas de discurso relatado; de enunciadores, porque, identificamos com um e com outro locutor, entram em cena dois pontos de vista diferentes, ou dois enunciadores (BENITES, 2002, p. 99).

No caso particular do texto analisado, o locutor que organiza o enunciado, traz a voz de outro locutor, pelo processo de aspeamento, ironizando-o pelo mesmo processo, já que demonstra, simultaneamente, uma dupla enunciação de perspectivas divergentes. Para compreendermos esta ironia, precisamos recuperar o contexto de produção deste enunciado. O texto é datado de 21 de Junho de 2013, três dias depois de ter sido aprovada, pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, um projeto que buscava estabelecer aos psicólogos

algumas normas para atuarem em casos relacionados a orientação sexual. Dessa maneira, o projeto ficou conhecido vulgarmente como “Projeto de Cura Gay”, e foi alvo de críticas no país, juntamente com o Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, Deputado Pastor Marcos Feliciano, pois estaria encerrando a orientação sexual como uma doença, um desvio tratável em sessões terapêuticas por um profissional psicólogo.<sup>7</sup>

Recuperemos, agora, alguns dos sentidos do GIF animado, para chegar à análise. O GIF mostra um trecho do programa de disputa musical, *American Idol*. Na cena, a cantora e jurada do programa na época, Mariah Carey, em forma de homenagem à cantora que acabara de se apresentar, joga-lhe purpurina. Para relacionarmos os sentidos do GIF animado com o texto precisamos, antes, compreender a relação entre esta cantora, a purpurina e o público gay.

Primeiramente, Mariah Carey é uma das cantoras reconhecidas no cenário de música pop mundial como uma das *divas*, uma das preferências do público gay.<sup>8</sup> Essa informação já nos permite construir sentidos, neste texto. No entanto, mais forte que isso, está o ato de “jogar purpurina”. A purpurina pode recuperar, em relação ao universo gay, o ditado popular: “Gay não morre, vira purpurina”. Ao mesmo tempo, remete-nos às fantasias que em paradas de orgulho gay são utilizadas por drag queens, transformistas e até mesmo a movimentos como os famosos Dzi Croquettes, grupo de homens que vestiam-se de mulheres e também utilizavam muita purpurina em suas fantasias, quebrando tabus da cena brasileira dos anos 70.

A partir dessas informações, concluímos a análise desse texto: O locutor que organiza o enunciado (L1) parodia o texto do GIF animado (L2), desviando o sentido de sua perspectiva inicial (E1). Passa-se, dessa maneira, à paródia do GIF quando o sentido do “vírus gay” (E2) é combinado com a imagem. Opõem-se E1 e E2 parodiando L2. Transmitir o “vírus gay” é, dessa maneira, assimilado à ideia de “jogar purpurina” em alguém, resignificando o sentido original do GIF animado, tirando-o de seu contexto originário, e fazendo-o jogar conforme a nova cena enunciativa à qual foi inserido.

<sup>7</sup>Fonte: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/entenda-o-projeto-de-cura-gay>

<sup>8</sup>Fonte: <https://fewoffsnow2.wordpress.com/ranking/ranking-top-30/especial-os-30-melhores-albuns-pop-da-atuabilidade/>

Por fim, analisaremos o último texto selecionado, que reproduzimos, a seguir.



...tiro o sutiã no final do dia<sup>9</sup>



Frame 7

Frame 8

Frame 9

Neste texto, o GIF animado apresenta um homem ferido gritando por liberdade, ao que é possível chegar pela legenda em língua inglesa – Freedom! – e pela leitura labial da imagem do GIF em movimento.

L1, responsável pelo enunciado, organiza-o trazendo L2 (GIF animado) que apresenta a perspectiva de E1 que, mesmo que não conheçamos o texto original de onde o GIF foi recortado, traz elementos que nos permitem estabelecer a oposição com a perspectiva de E2 do título da postagem, *Como eu me sinto quando (+) ... tiro o sutiã no final do dia*. Dessa forma, constitui-se a paródia pela oposição de enunciadores.

No mesmo sentido dos textos anteriores, se o leitor consegue recuperar o texto-fonte do recorte apresentado no GIF animado, produzirá outros sentidos. O GIF recupera uma famosa cena do cinema mundial, do filme do ano de 1995, *Coração Valente*, dirigido e estrelado por Mel Gibson. Na ocasião da cena, ocorre a execução do personagem que tem seu último grito: Liberdade, marcando um dos considerados como grandes momentos do cinema da década de 90<sup>10</sup>. Assim, percebemos que, ao apresentar este trecho, o sentido original é desviado pois a perspectivas dos enunciadores E1 e E2 são divergentes.

Outro sentido possível pela combinação do grito de liberdade e com o fato de tirar o sutiã está na recuperação dialógica dos movimentos feministas que, em diversas situações de protesto, queimaram seus sutiãs em busca de liberdade. Reiteramos, aqui, que a possibilidade de chegar a este sentido se dará pelo conheci-

<sup>9</sup>Disponível em: <http://comoeumesintoquando.tumblr.com/post/61684493680/tiro-o-sutia-no-final-do-dia>

<sup>10</sup>Fonte: <http://cinemaedebate.com/2012/01/29/coracao-valente-1995/>

mento de mundo do leitor sem que, no entanto, não se chegue à paródia do texto na falta dessas informações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de paródia dos textos analisados leva-nos ao humor, finalidade dos textos do blogue de entretenimento *Como eu me sinto quando*. Esperamos, com este trabalho, ter demonstrado como a paródia foi articulada na apresentação de duas linhas de sentido, as perspectivas dos enunciadores, que se opunham, gerando o humor.

Neste sentido, recuperamos a definição da paródia de Sant'Anna (2003) a partir de Brewer que a coloca como "uma ode que perverte o sentido de outra ode" acrescida da definição de Shipley (1972, apud SANT'ANNA, 2003, p.12) de que a paródia "implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto". Dados os empréstimos do campo musical, podemos chegar à teoria de Ducrot que demonstrou, nas análises, a polifonia de locutores e enunciadores que, heterogeneamente, construíram os sentidos dos textos em questão.

Diante disso, esperamos ter contribuído para um olhar para o texto distanciado da visão que o coloca como constituído monologicamente, percebendo o caráter heterogêneo da linguagem que pode, inclusive, ser encontrado, em suas formas mostradas.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BENITES, S. A. L. **Contando e Fazendo a**

**História**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. KOCH, I. **Linguística textual: introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LEVY, P. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999;

LOPES, J. M. B. **Computação Gráfica: Formatos de Imagem**. Lisboa, 2013. Disponível em: <http://www.di.ubi.pt/~paraujo/ArquitecturaComputadores/ArquitecturaComputadores%20II/Textos/FormatosImagem.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2014.

SANT'ANNA, A. R. de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

### CONSTITUCIÓN DEL HUMOR EN EL BLOG "CÓMO ME SIENTO CUÁNDO": PARODIA POR MECANISMOS POLIFÓNICOS

**RESUMEN:** En este estudio nuestro objetivo ha sido comprender cómo se constituye el humor por el proceso de parodia, organizado a partir de oposición de perspectivas de anunciadores en textos del blog *Cómo me siento cuando*. Para eso, nos apoyamos en los supuestos teóricos metodológicos de Bakhtin (2003; 2010) y de Authier – Revuz (2004) para tratar de la naturaleza heterogénea del lenguaje. Además, para emprender el análisis, nos pautamos en la teoría de la polifonía de locutores y enunciadores de Oswald Ducrot (1987) y en las consideraciones de Sant'Anna (2003) acerca de la parodia.

**PALABRAS CLAVE:** Humor; Parodia; Mecanismos Polifónicos.